

COMO CONVIVE A INTERPRETAÇÃO COM OS ASPECTOS NÃO VERBAIS DA COMUNICAÇÃO?

Maria Clara Cunha

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Portugal

mcastro@iscap.ipp.pt

Sinopse

Neste artigo procuramos abordar a importância da comunicação não verbal na interpretação e as dificuldades provenientes da sua articulação com a linguagem verbal, neste âmbito. Apresenta-se um elenco seleccionado de recursos não verbais considerados essenciais e frequentes com os quais o profissional desta área se pode confrontar e sugerem-se algumas formas de como/quando os integrar na interpretação.

Palavras-chave: interpretação – comunicação não verbal – elementos paralinguísticos - cinésica – proxémica

Abstract

This paper aims at bringing forth the major role of nonverbal communication within the interpreting domain as well as to assess the main difficulties that stem from the way it is combined with verbal language.

A set of the most critical and frequent nonverbal resources is outlined, together with a few suggestions of how/when they can be integrated in interpreting tasks.

Key words: interpreting – nonverbal communication – paralanguage – kinesics – proxemics

Considerações preambulares

Os elementos não verbais têm tanta importância no discurso como as palavras, sendo a sua frequência igualmente concomitante à ocorrência destas. Para além disso, transportam um potencial comunicativo nada despreciando. Com efeito, trata-se de um verdadeiro canal de comunicação simultâneo à verbalização, cujas funções, apesar de sobejamente conhecidas, convém lembrar — regulador das interações; veículo do fluxo e refluxo de emoções, sentimentos e reacções; reforço, suporte ou substituto da linguagem verbal; modulador e ilustrador gráfico dos significados das palavras.

Estou a referir-me concretamente aos aspectos paralinguísticos e extralinguísticos. Os primeiros, reportam-se às questões em torno da voz e os segundos, referem-se à cinésica (gestualidade) e à proxémica (orientação do corpo no espaço).

Revisitarei, seguidamente, os principais índices do repertório paralinguístico observável no quotidiano, apresentados por dois autores que, a meu ver, nos proporcionam um entendimento profundo desta questão¹ (Antoni Castelló, 1999 e Fernando Poyatos, 2002):

— *A qualidade da voz, que inclui a altura do tom de voz, a qualidade da articulação e o ritmo;*

— *Os caracterizadores vocais, que respeitam ao riso, ao suspiro, ao choro, ao bocejo, ao grito...;*

— *Os qualificadores vocais, como a intensidade, o timbre e a extensão, relativos à maneira como as palavras são proferidas;*

— *As vocalizações, que compreendem os sons que surgem no fluxo da fala e que não sendo considerados palavras comunicam alguma coisa (“hum”, “ah”, “hem”, “uf”), assinalam pausas e outras interrupções de ritmo;*

¹ A última categoria é sugerida por F. Poyatos e as restantes por A. Castelló. Foi minha opção apresentar a proposta de Castelló, integrando uma das categorias de Poyatos, porque creio que esta composição oferece uma perspectiva mais completa.

— *Os alternants, que se declinam em silêncios, suspiros, sopros, estalos com a língua, na inspiração ruidosa pelas narinas.*

Passo, agora, à cinésica, território da expressão gestual, que contempla:

— *Gestos de cabeça, como acenos;*

— *Gestos do rosto, como o arregalar de olhos;*

— *Gestos das mãos, como a fricção dos dedos;*

— *Modos de estar, como o cruzar de braços ou pernas, a colocação dos pés;*

— *Atitudes mentais que transparecem na postura, como sinais de amuo (o franzir das sobrancelhas) ou de tensão (como o ranger de dentes ou silêncios hostis).*

Neste âmbito, Fernando Poyatos (2002:243-245) apresenta-nos um conjunto de categorias funcionais, das quais se destacam as consideradas mais pertinentes sob a óptica aqui apresentada:

— *Emblems* são gestos unívocos ou enunciações paralinguísticas a que se recorre quando o canal de comunicação verbal está bloqueado, por exemplo, devido à distância, a ruído(s), à proibição de falar em certos locais (exemplos: OK, stop, cala-te, dói-me a cabeça...);

— *Language markers* constituem marcadores cinésicos que acompanham o continuum verbal, que enfatizam determinadas sequências ou o final de palavras/frases ou, ainda, que assinalam pausas no discurso (por exemplo, indiciam deícticos, tempos verbais, entoações enfáticas...);

— *Space and time markers* salientam aspectos de lugar, tamanho, volume, distância e tempo;

— *Deictics* apontam, por meio de gestos ou palavras, para a localização de indivíduos, objectos, acontecimentos ou lugares numa dimensão temporal ou de territorialidade;

— *Pictographs, Echoics, Kinetographs, Kinephonographs* tentam reproduzir

elementos da realidade ou exemplificar o que está a ser dito (exemplos: descrever, com as mãos, um objecto, representando a sua configuração e tamanho; gestos que intensificam a visualização de advérbios de negação, afirmação ou dúvida...);

— *Externalizers* evidenciam reacções ao que é/foi dito, não dito, silenciado; a experiências estéticas, espirituais, fictivas... (exemplos: aplausos, o encolher dos ombros, o roer as unhas, a inclinação do tronco...);

— *Adaptators* ilustram acções ou posições em que partes do corpo (sobretudo as mãos e a boca) entram em contacto com outras zonas corporais (cabelo, orelhas, queixo, pernas) ou objectos (óculos, caneta, ponteiro, folhas de papel, ambão, cadeira, computador). Trata-se de gestos adquiridos na infância como tentativa de dominar tensões, fragilidades ou tiques e que permitem obter informações adicionais, ainda que de carácter involuntário, sobre a personalidade e estado anímico de quem produz determinado acto comunicativo, por exemplo: coçar a cabeça, morder os lábios, brincar com a caneta, rodar os anéis nos dedos, mexer nas orelhas...

Por último, a proxémica, relativa à utilização do espaço pelo homem, relaciona-se com a posição/contacto corporal, a postura e a distância pública, o que a torna num vector mais estável relativamente aos elementos anteriormente mencionados; no entanto, visto que acompanha e é acompanhada por outras sinaléticas não verbais (referidas nos parágrafos anteriores) congrega recursos que reflectem bem o grau de interesse e a implicação no processo comunicativo, bem como certos componentes de atitude das pessoas na relação interpessoal e no que toca ao papel que se deseja representar socialmente.

Uma vez que a dimensão situacional é muito importante no campo da interpretação, os elementos proxémicos erguem-se como ancilares desta perspectiva. De facto, o contexto situacional imediato e a interacção dos interlocutores na oralidade deriva de parâmetros espaciais e temporais em que se produz a comunicação. Muita da informação implícita sobre a qual se constroem os enunciados orais é imprescindível para os interpretar e depende directamente da situação comunicativa, pelo que aqueles elementos constituem sinais inerentes à interacção em curso. O modo como um indivíduo estrutura

o seu micro-espço é feito de forma inconsciente, a distância escolhida, a forma como utiliza o seu espaço e o dos outros transmite diferentes significados, sendo esta uma questão sempre relacionada com a situação, o ambiente e a cultura.

Desta reflexão expurgo a comunicação tacésica, atinente ao toque físico, isto é, ao exercício de comunicação táctil que se faz através do toque da(o)s/na(o)s mão(s), braço(s), costas, etc., em abraços, beijos e afagos, catalizadora de uma experiência recíproca de especial proximidade que abre outros caminhos exploratórios, distantes da temática que escolhi trabalhar.

A interpretação e a linguagem não verbal

Assim, na esfera da interpretação, creio que duas questões fulcrais se colocam: Deve o intérprete expressar verbalmente o sentido dos elementos não verbais no contexto? Se sim, como fazê-lo?

Para tentar responder a esta questão, afigura-se como indispensável a apreciação de alguns dados envolventes.

Desta forma, também neste domínio, os aspectos comportamentais dos membros de uma comunidade linguística são condicionados por vectores culturais, vertidos em estereótipos e ritualizações reconhecidas. Os povos mediterrâneos são tidos como expansivos, comunicativos, emotivos e exuberantes; os povos do norte da Europa, ao contrário, já são vistos como contidos, frios, reservados e distantes.

No entanto, superando este olhar mais generalista que nos diz que, por exemplo, quando um gesto adquire valor simbólico é porque se definiu uma convenção para o seu significado, constata-se que toda a convenção é culturalmente dependente, por isso toda a cultura tem signos específicos que só são (inter)compreensíveis conhecendo o código simbólico específico que lhes subjaz, pelo que não existem, *a priori*, gestos simbólicos plenamente universais. Ou seja, por hipótese, erguer o polegar com o significado de “certo, exacto, perfeito” é característico da cultura ocidental, para um chinês não -

Num outro ângulo de visão, possivelmente complementar, e não obstante as interpretações relativas a estas exteriorizações se enquadrarem em códigos culturais específicos, padronizados e convencionais, que lhes conferem significações mais ou menos tácitas, parece haver práticas e posturas comuns a certos espaços geográficos e culturais mais alargados, cuja categorização usual os delimita em Ocidente, Médio-Oriente, Ásia...

Porém, inúmeros gestos na proporção em que perdem uma universalidade absoluta ganham em precisão comunicativa e chegam a ser um tipo de linguagem equivalente à linguagem oral, como é o caso da língua gestual utilizada pelos surdos-mudos, que se converteu num sistema de comunicação não verbal de enorme complexidade, profundidade e versatilidade.

Retomando a discussão inicial, em minha opinião, um intérprete além de dominar as questões linguísticas inerentes às tarefas que desempenha, deve, também, pelo menos, reconhecer o repertório nuclear dos recursos da expressão não verbal do(s) par(es) de línguas com que trabalha; senão vejamos: por exemplo, os japoneses acompanham frequentemente uma conversa com ligeiros trejeitos de cabeça e proferem determinados sons como “Eehh!” e “Nn” que são apenas demonstrativos de uma atitude de cortesia e não de concordância com o que o interlocutor está a dizer. Imaginemos que esta conduta era mal interpretada (no sentido em que estes sinais eram descodificados erradamente), tal ocorrência certamente desvirtuaria a interpretação do que estaria a ser dito/transmitido.

Para complexificar a questão, há que considerar as idiosincrasias de todo o indivíduo que se revelam aos mais diversos níveis, às quais o intérprete deve estar atento, esforçando-se por descodificá-las o melhor que puder, tomando como referência alguns parâmetros standardizados. É tão importante o que se diz, quanto a maneira como se diz e com que gestos; ou, então, o que não se diz, as não-palavras, os silêncios, a imobilidade, as ausências, que orientam igualmente as relações entre os indivíduos e

permitem uma constelação de mensagens que podem ser percebidas de forma consciente ou subliminar.

A experiência como docente

Apesar da ainda curta experiência como professora de interpretação, pude constatar, tanto em alunos do 5º ano da Licenciatura em Línguas e Secretariado — Ramo de Tradução e Interpretação Especializadas como do 3º ano do Curso de Assessoria e Tradução, uma grande dificuldade em integrar estes aspectos não verbais na interpretação, quer simultânea quer consecutiva, por um lado, e em definir o modo de como vertê-los no seu discurso, por outro.

Naturalmente, que esta passou a ser uma questão sobre a qual tinha de me debruçar para sensibilizar os alunos para a sua importância e para os ajudar na superação dos contratempos advindos.

Primeiramente, importará sublinhar que, independentemente de qualquer que seja a focalização adoptada, este acervo de elementos constitui sempre uma (muitas vezes pesada) sobrecarga de informação, o que implica uma gestão intrincada para o intérprete e um encargo hercúleo para quem está ainda em formação nesta área.

Em segundo lugar, em termos de funcionamento mental, sobretudo os elementos cinésicos e proxémicos dispõem de vias de entrada e de processamento distintas das que se usam para codificar a fala. Em consequência, aquela informação é processada paralelamente à informação verbal, mas mais rapidamente, o que ocasiona a acumulação de expectativas de significação antes que se tenha elaborado completamente a mensagem verbal recebida, o que pode criar situações de grande risco na interpretação.

Uma das outras dificuldades reside no facto de os recursos da expressão não verbal serem activados normalmente mediante um processo de execução muito automatizado e que escapam à consciência. Não significa isto que o gesto possa ou deva ser controlado, o que se torna claro é que estes automatismos maximizam a capacidade comunicativa das

manifestações orais, no que isso possa trazer de enriquecedor às trocas comunicativas, mas também de espinhoso para quem tem a seu cargo trabalhos de interpretação¹.

Conclusão

Mais tarde, munida de algumas (re)leituras, reuni certas conclusões que tentei explicar aos alunos:

a) os recursos não verbais devem ser traduzidos em termos verbais sempre que o seu sentido for determinante para a compreensão da mensagem, quer quando contribuem para elucidar a enunciação quer, pelo contrário, quando a pervertem ou a tornam opaca, ambígua;

b) mais acutilante se impõe a sua descodificação se os mesmos ocorrerem mais isoladamente ou se sobressaírem pela forma invulgarmente intensa que possam revestir, o que lhes confere uma plenitude semântica otimizada;

c) outros há, em que o centro de representações embora compartilhado, carecem de tradução verbal directa pois tornam a enunciação mais significativa e, por vezes, mais autêntica.

Os problemas aduzidos na secção anterior colocar-se-ão de modo diferenciado em contextos de interpretação remota/à distância e de interpretação de conferência, de acompanhamento (*face-to-face, liaison*) ou em tribunal, pelas características e condições em que operam, devendo existir, contudo, um requisito comum — o uso da capacidade selectiva que um intérprete aprende a desenvolver e a aperfeiçoar para triar estes elementos, mas ao mesmo tempo procurar tê-los como guias informativos a nível

¹ Com efeito, o *potencial semiótico* (Van Leeuwen, 2006) destes recursos é muito grande uma vez que podem produzir vários sentidos “(...) because just as dictionaries cannot predict the meaning a word will have in a specific context, so other kinds of semiotic inventories cannot predict the meaning which a given facial expression – for example, a frown – or colour – for example, red – or style of walking will have in a specific context.” (idem:4).

contextual. Não podemos esquecer que a competência comunicativa é uma exigência prevalecte na qualificação destes profissionais.

No pressuposto de que a comunicação oral, ao vivo e em directo, é a forma de comunicação que permite aproveitar mais recursos e canais de informação, todo o comportamento numa situação de interacção tem valor de mensagem, isto é, é impossível não comunicar. Por isso, por exemplo, os intérpretes de conferência exigem, cada vez mais, melhores condições técnicas e logísticas; é importante para o intérprete ver/ouvir bem o palestrante e os participantes para aceder a todas as pistas não verbais já mencionadas que o auxiliarão a penetrar na esfera da linguagem implícita associada aos desempenhos que testemunha, tais como aos sinais de tomada de vez, às reacções da audiência, ao retorno do palestrante, entre outros.

Bibliografia

CASTELLÓ, Antoni. “El gesto y la postura en la comunicación oral”. *La oralización*, SANTIAGO ALCOBA (Coord.), Barcelona, Ed. Ariel, 1999, 45-59.

MONTEIRO, Ana Cristina *et alli*. *Fundamentos de Comunicação*, Lisboa, Edições Sílabo, 2006.

POYATOS, Fernando. “Nonverbal Communication in Simultaneous and Consecutive Interpretation – A theoretical model and new perspectives”. *The Interpreting Studies Reader*, PÖCHHACKER, Franz e SHLESINGER, Miriam (Org.), London, Routledge, 2002, 235-246.

VAN LEEUWEN, Theo. *Introducing Social Semiotics*, London, Routledge, 2006.